

*VIII Congresso
Ibérico de Didática da
Geografia*

"Educação Geográfica na Modernidade Líquida"



Livro de Atas

Coordenadores:
Ana Cristina Câmara
Emília Sande Lemos
Maria Helena Magro

Lisboa, 2017

Organização do VIII CIDG:



Atas do VIII Congresso Ibérico de Didática da Geografia

Educação Geográfica na Modernidade Líquida

O conteúdo deste livro não pode ser reproduzido, nem total nem parcialmente, sem a autorização prévia do editor. A ele estão reservados todos os direitos.

Editor: Associação de Professores de Geografia

Coordenadores: Ana Cristina Câmara, Emília Sande Lemos, Maria Helena Magro

ISBN 978-972-99669-8-9

Formato: PDF

Idiomas: Castelhana e Português

Comissão Científica

Presidente - Maria José Roxo, FCSH - Universidade Nova de Lisboa
Alfonso García de la Vega, Universidad Autónoma de Madrid
Ana Cristina Câmara, Associação de Professores de Geografia
Carmen Rueda Parras, Universidad de Jaén
Dulce Pimentel FCSH - Universidade Nova de Lisboa
Emilia María Tonda Monllor, Grupo Didáctica da AGE- Universidade de Alicante
Emília Sande Lemos, Associação de Professores de Geografia
Fernando Martins, FCSH - Universidade Nova de Lisboa
Helena Magro, Associação de Professores de Geografia
Herculano Cachinho, IGOT - Universidade de Lisboa
Isaac Buzo Sánchez, IES San Roque (Badajoz)
José Jesús Delgado Peña, Universidad de Málaga
José Tenedório, FCSH - Universidade Nova de Lisboa
Luís Mendes, Associação de Professores de Geografia
María del Carmen Moreno Martín, Universidad de Málaga
Maria Helena Fidalgo Esteves, IGOT - Universidade de Lisboa
María Jesús González González, Universidad de León
María Jesús Marrón Gaité, Universidad Complutense de Madrid
María Luisa De Lázaro Torres, Universidad Complutense de Madrid
Miguel Inêz Soares, Associação de Professores de Geografia
Nuno Soares, FCSH - Universidade Nova de Lisboa
Óscar Jerez García, Universidad de Castilla La Mancha, Ciudad Real
Pedro Damião, Associação de Professores de Geografia
Rafael De Miguel González, Universidad de Zaragoza
Rafael Sebastià Alcaraz, Grupo Didáctica da AGE - Universidade de Alicante
Ramón Martínez Medina, Universidad de Córdoba
Rui Pedro Julião, FCSH - Universidade Nova de Lisboa
Sérgio Claudino, IGOT - Universidade de Lisboa
Xosé Manuel Souto González, Universidad de Valencia

Comissão Organizadora

Ana Cristina Câmara, Associação de Professores de Geografia
Emília Sande Lemos, Associação de Professores de Geografia
Fernando Martins, FCSH - Universidade Nova de Lisboa
Gonçalo dos Santos Antunes, FCSH - Universidade Nova de Lisboa
Helena Magro; Associação de Professores de Geografia
Emilia María Tonda Monllor; Grupo Didáctica da AGE - Universidade de Alicante
Rafael Sebastià Alcaraz; Grupo Didáctica da AGE - Universidade de Alicante

Índice

Conferência de abertura

A Educação Geográfica no Século XXI	10
--	-----------

Luísa Ucha

Conferência de encerramento

Enseñanza virtual y actividades digitales para la adquisición de competencias geoespaciales	12
--	-----------

José Jesús Delgado Peña

Painel debate

Formação Docente e Aprendizagens Essenciais na Educação Geográfica	25
---	-----------

APRENDIZAJES ESENCIALES Y FORMACIÓN DOCENTE EN LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA.....	25
---	-----------

Rafael Sebastián Alcaraz

Emilia María Tonda Monllor

FORMAÇÃO DOCENTES E APRENDIZAGENS ESSENCIAIS DE GEOGRAFIA	44
--	-----------

Ana Cristina Câmara

Emília Sande Lemos

Eixo Temático

Educação Geográfica na Modernidade Líquida	54
---	-----------

A IMAGEM E A MEDIAÇÃO SIMBÓLICA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA GEOGRAFIA ESCOLAR	54
---	-----------

Mateus Marchesan Pires

PROGRAMAS PARA SER COMPETENCIAL (TALLER CULTURAL DE GEOGRAFÍA PARA ALUMNADO DE SECUNDÁRIA)	65
---	-----------

José R. Pedraza Serrano

Ricardo M. Luque Revuelto

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INOVADORAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: DIÁLOGOS ENTRE BRASIL E ESPANHA	83
--	-----------

Jorge Ferreira de Lima Filho

Diego García Monteagudo

EL AGUA COMO PROBLEMA SOCIAL RELEVANTE EN LA EDUCACIÓN GEOGRÁFICA	95
--	-----------

José Antonio López Fernández

Roberto García-Morís

COMBINANDO MOVILIDAD SOSTENIBLE Y DEEP MAPS PARA ENTENDER EL ESPACIO URBANO ...	109
--	------------

Julio J. Plaza Tabasco

Héctor S. Martínez Sánchez-Mateos

Carlos A. Luna Perea

Eixo Temático

Literacias digitais para uma Educação Geográfica pós-moderna.....	122
APLICACIONES DIDÁCTICAS DERIVADAS DE LA NEOGEOGRAFÍA. GLOBALIZACIÓN DE FOTOGRAFÍA HISTÓRICA PARA EL APRENDIZAJE DEL ENTORNO URBANO EM UNA CIUDAD MEDIA. ALBACETE	
Juan António García González	
EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: O USO DAS TIC E A CIDADANIA ESPACIAL	134
Emanuella Cruz Barbosa Vieira	
Sérgio Claudino Loureiro Nunes	
EL USO DEL DRON (DRONE) COMO RECURSO DIDÁCTICO EN GEOGRAFÍA: EXPERIENCIA EN EL AULA	146
Juan Martín Martín	
M ^a Luisa Vázquez Sánchez	
LOS VIDEOJUEGOS DE PLATAFORMA MÓVIL EN EDUCACIÓN PRIMARIA: UNA HERRAMIENTA PARA EL APRENDIZAJE GEOGRÁFICO	158
Alba de la Cruz Redondo	
Antonia García Luque	
LIG – UM NOVO OLHAR DA LITERACIA DIGITAL SOBRE O ENSINO DA GEOGRAFIA	169
Ciliana Oliveira Pinheira	
Ana Teresa Castro	
Filipa Monteiro Freitas	
Joana Pereira Costa	
Maria João Fernando	
Vítor Rodrigues Ribeiro	
BARCELONA Y SU ÁREA METROPOLITANA EN GOOGLE EARTH, UNA PROPUESTA PARA LA ENSEÑANZA Y EL APRENDIZAJE DE LA GEOGRAFÍA HUMANA	181
Juan Ramón Moreno-Vera	
Isabel María Gómez-Trigueros	
MODELOS HÍBRIDOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM – EXPERIÊNCIAS A PARTIR DO PROM@TT	191
Laura Soares	
Alberto Gomes	
José Teixeira	
Elsa Pacheco	
LA CREACIÓN DE ‘MOBILE APS’ EN GEOPARQUES NACIONALES	203
Stefanie Zecha	
Thomas Kissler	

Eixo Temático

Educação geográfica em projetos inter/multi disciplinares	206
PROYECTO ERASMUS+ DEL SECTOR ESCOLAR: UTILIZACIÓN DE UN SIGWEB PARA EL DISEÑO DE RUTAS POR ESPACIOS NATURALES PROTEGIDOS EUROPEOS.....	206
Isaac Buzo Sánchez	
NÓS PROPOMOS! ENSINO DE GEOGRAFIA COM SIGNIFICADO NA PESQUISA NA UNIOESTE/FB/PARANÁ.....	220
Mafalda Nesi Francischett	
LA ENSEÑANZA-APRENDIZAJE DE LA GEOGRAFÍA EN PROYECTOS INTERDISCIPLINARES: UNA EXPERIENCIA DIDÁCTICA A TRAVÉS DEL NO-DO.	230
Matilde Peinado Rodríguez	
Alba de la Cruz Redondo	
Marta Vázquez Torre	
Abraham Torre Soengas	
NÓS PROPOMOS! NA SERTÃ E NA RIBEIRA GRANDE	252
Sérgio Claudino	
Ilda Bicraco	
Pedro Trindade	
NOSOTROS PROPONEMOS: UN PROYECTO IBÉRICO PARA LA ENSEÑANZA SECUNDARIA.....	260
Juan Martín Martín	
M ^a Luisa Vázquez Sánchez	
¡NOSOTROS PROPONEMOS, CIUDAD REAL! CIUDADANÍA, SOSTENIBILIDAD E INNOVACIÓN EN LA EDUCACIÓN GEOGRÁFICA.....	271
M ^a Ángeles Rodríguez Domenech	
Elena María Muñoz Espinosa	
Óscar Jerez García	
PUESTA EN VALOR DE LOS HUMEDALES DE CASTILLA-LA MANCHA (ESPAÑA) A PARTIR DEL TRABAJO CON GRUPOS DE ESCOLARES	284
Elena María Muñoz Espinosa	
María Isabel Castellanos Botija	
Pablo Pichaco García	
ESPACTIVO: UN PROYECTO INTEGRADO PARA EL APRENDIZAJE GEOGRÁFICO	294
Antonia García Luque	
Carmen Rueda Parras	

RICHARD TWISS: ITINERARIO GEOGRÁFICO Y DIDÁCTICO POR LA PENÍNSULA IBÉRICA EN 1772-1773	307
.....	
Ricardo Manuel Luque Revuelto	
José Ramón Pedraza Serrano	
A GEOGRAFIA ENQUANTO PONTE DE CONHECIMENTO ENTRE AS CIÊNCIAS NATURAIS E A HISTÓRIA: CONTRIBUTOS PARA UMA ATITUDE INTERDISCIPLINAR	322
.....	
Vítor Rodrigues Ribeiro	
Margarida Quinta e Costa	
Isilda Monteiro	
PROPUESTA DIDÁCTICA SOBRE RIESGOS NATURALES MEDIANTE EL ANÁLISE DE LAS FUENTES PRIMARIAS Y LA APLICACIÓN DE LAS TECNOLOGÍAS	334
.....	
Alfonso García de la Vega	
Juan Luis Arceda Cuadrado	
ESTUDIO DEL CLIMA Y PAISAJE DE ONTINYENT: VINCULAR INVESTIGACIÓN EDUCATIVA CON INNOVACIÓN ESCOLAR.....	349
.....	
Benito Campo País	
Miquel Martínez Martín	
RISCOS NATURAIS E MISTOS NA ÁREA METROPOLITANA DO PORTO PERCECIONADOS POR ALUNOS DO 9º ANO DE ESCOLARIDADE.....	362
.....	
Adélia N. Nunes	
Bruno Martins	
Luciano Lourenço	
Eixo Temático	
Formação Docente e Aprendizagens Essenciais na Educação Geográfica	374
LA NOCIÓN DEL PAISAJE EN EL ALUMNADO DE EDUCACIÓN PRIMARIA: UN ANÁLISIS DE SU REPRESENTACIÓN.....	374
.....	
Ramón Martínez Medina	
Covadonga Ávila Marín	
AS EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA PASSÍVEIS DE SEREM ABORDADAS PELA CARTOGRAFIA TÁTIL.....	385
.....	
Jardel Cordeiro Santos	
Diego Tarley Ferreira Nascimento	

EL LENGUAJE CARTOGRAFICO EN LA FORMACIÓN DEL PROFESORADO DE EDUCACIÓN SECUNDARIA.....	396
Francisco Rodríguez-Lestegás	
Xosé C. Macía-Arce	
Francisco X. Armas-Quintá	
EL PENSAMIENTO Y LA CONCIENCIA GEOGRÁFICA EN EL CURRÍCULO CHILENO.....	409
Evelyn Ortega Rocha	
Joan Pagès Blanch	
A GEOGRAFIA NA ESCOLA COM SENTIDO AO MUNDO DA CRIANÇA	422
Mafalda Nesi Francischett	
ENSEÑAR GEOGRAFÍA EN LA ERA DE LA GLOBALIZACIÓN. UN RETO DESDE LA METODOLOGÍA ACTIVA.....	429
María Jesús Marrón Gaité	
EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA PARA UMA CIDADE INTELIGENTE – CONTRIBUTOS DAS NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA E DAS FERRAMENTAS CROWDSOURCING	443
Ana Teresa Castro	
Ciliana Oliveira Pinheira	
Filipa Monteiro de Freitas	
Joana Pereira Costa	
Vítor Rodrigues Ribeiro	
CONTENIDOS GEOGRÁFICOS Y SOCIALES A PARTIR DE LA INTERPRETACIÓN DEL PAISAJE. LA PINTURA DEL ROMANTICISMO: UN EJEMPLO, CASPAR DAVID FRIEDRICH	455
María del Carmen Morón Monge	
Cristina Guillén López	
Hortensia Morón Monge	
LOS MAPAS MENTALES: ¿TÉCNICA DE INVESTIGACIÓN CUALITATIVA O RESULTADO DEL CONOCIMIENTO ESPACIAL DE LAS CIUDADES?.....	468
Mercedes de los Ángeles Rodríguez Rodríguez	
Manuel Ramón González Herrera	
Delia Montero Va	
Irène Dupuis	
FABRICANDO SABERES, TECENDO PRÁTICAS: PROPOSIÇÕES A PARTIR DO DESAFIO DA CONSTRUÇÃO DA AULA DE GEOGRAFIA	481
Linovaldo Miranda Lemos	
Rafael Straforini	

A RELAÇÃO DE PALAVRAS E DESENHOS PARA APRENDER GEOGRAFIA: CONSTRUÇÕES POR ALUNOS DO ENSINO PROFISSIONAL.....	492
Diogo Baptista da Silva	
A CARTOGRAFIA ESCOLAR NO BRASIL E NA ESPANHA: UMA ANÁLISE TEÓRICA PRELIMINAR.....	501
Denis Richter	
Alfonso García de la Vega	
GEOGRAFIA E ESPAÇO ESCOLAR: UMA PROPOSTA A PARTIR DE REFLEXÕES SOBRE ELEMENTOS DO CLIMA	512
Alexsander Batista e Silva	
Uelinton Barbosa Rodrigues	
COMPETENCIAS GEOESPACIALES EN LAS PRIMEIRAS ETAPAS DE LA EDUCACIÓN: APLICACIÓN DE ACTIVIDADES DIGITALES EN EL AULA	521
Erica Morales Prieto	
Adrián Sánchez Guijarro	
Óscar Jerez García	
Manuel Antonio Serrano de la Cruz Santos-Olmo	
José Luis García Rayego	
DANDO LA VUELTA AL MUNDO CON JULIO VERNE. FORMACIÓN APLICADA EN DIDÁCTICA DEL MEDIO EN EL GRADO DE EDUCACIÓN INFANTIL.....	546
Elena María Muñoz Espinosa	
Juliana Parras Armenteros	
O CONHECIMENTO CIENTÍFICO E COTIDIANO DE JOVENS RECÉM-INGRESSOS NA UNIVERSIDADE: UM DIAGNÓSTICO DE APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA.....	556
Mugiany Oliveira Brito Portela	
Lana de Souza Cavalcanti	
DISEÑO DE UN CURSO DE EXPERTO UNIVERSITARIO EN EDUCACIÓN AMBIENTAL EN ÁREAS PROTEGIDAS.....	568
Adrián Navas Berbel	
Óscar Jerez García	
EL CAMBIO CLIMÁTICO EN LOS LIBROS DE TEXTO ESPAÑOLES DE EDUCACIÓN PRIMARIA: UN ANÁLISIS DE LAS ACTIVIDADES.....	581
José Carlos Arrebola Haro	
Ramón Martínez Medina	
O PROFESSOR DE GEOGRAFIA NO SÉCULO XXI: PRINCIPAIS DESAFIOS E CONHECIMENTOS DESEJÁVEIS.....	590
Carla Sofia Oliveira	

A VIAGEM NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA: MARROCOS	603
Fernando Ribeiro Martins	
Nuno Pires Soares	
Rui Pedro Julião	
LA DEPRESIÓN INTERIOR SERRANA CAÑAMARES-MARIANA (CUENCA). UNA PROPUESTA DIDÁCTICA DE GEOGRAFIA RURAL.....	613
Óscar Serrano Gil	
Ana Eulalia Aparicio Guerrero	
Joaquín Saúl García Marchante	
María Cristina Fernández Fernández	
A PRÁTICA SUPERVISIONADA NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE EM GEOGRAFIA: QUE RUMO ESTAMOS TRILHANDO?	626
Maria Anezilany Gomes do Nascimento	
EDUCAÇÃO HISTÓRICO-GEOGRÁFICA E DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS NO ENSINO BÁSICO (6-12 ANOS).....	639
Alfredo Gomes Dias	
Maria João Hortas	
Francisco Javier Jaraíz Cabanillas	
Ana María Hernández Carretero	
A BANDA DESENHADA NO ENSINO DE GEOGRAFIA.....	652
Joana Rita Antunes da Silva Grave Carreto	
Fernando Ribeiro Martins	
LEITURAS DA PAISAGEM NA MODERNIDADE LIQUIDA: A CIDADE COMO LABORATÓRIO PARA O DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS ESSENCIAIS NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA.....	659
Francisco Javier Jaraíz Cabanillas	
Alfredo Gomes Dias	
Ana María Hernández Carretero	
Maria João Oliveira Antunes Barroso Hortas	
CONCLUSIONES RELEVANTES DE INVESTIGACIONES CHILENAS EN EDUCACIÓN GEOGRÁFICA.....	677
Andoni Arenas Martija	

CONTENIDOS GEOGRÁFICOS Y SOCIALES A PARTIR DE LA INTERPRETACIÓN DEL PAISAJE. LA PINTURA DEL ROMANTICISMO: UN EJEMPLO, CASPAR DAVID

FRIEDRICH

María del Carmen Morón Monge

mcmoron@uloyola.es

Cristina Guillén López

cguillenlopez@al.uloyola.es

Universidad de Loyola

Hortensia Morón Monge

hmoron@us.es

Universidad de Sevilla

La presente comunicación se basa en una investigación desarrollada dentro de un trabajo de fin de Máster (U. Loyola, 2016-17). Se propone la enseñanza y aprendizaje de contenidos geográficos basados en la interpretación del paisaje teniendo como medio la pintura del Romanticismo y concretamente algunas de las obras del pintor romántico alemán Caspar D. Friedrich. El abordaje planteado rebasa las ideas más tradicionales de la interpretación de la pintura desde la Historia del Arte. Así, el arte pictórico pretende la enseñanza y aprendizaje no sólo de contenidos relativos a la pintura sino también para comprender cuestiones relacionadas con las Ciencias Sociales y especialmente las geográficas.

Palabras clave: Geografía; interpretación del paisaje; pintura romántica; enseñanza-aprendizaje

INTRODUCCIÓN

El paisaje es una temática nativa dentro de la enseñanza de la Geografía escolar. Los contenidos relativos a esta cuestión quedan adscritos dentro de la materia de Geografía de 3º de la ESO y en el Bachillerato de Ciencias Sociales, fuera de este ámbito también puede ser encontrado, bajo otro enfoque, en el curriculum de Biología de la enseñanza secundaria obligatoria. Junto a ello, el paisaje es un tópico que también es tratado dentro de la Historia del Arte (2º de Bachillerato), desde una perspectiva propia enfocada a trabajar aspectos formales y estilísticos, algunas veces poniéndolos en relación con el contexto histórico de manera general.

En este trabajo queremos poner de relevancia la potencialidad del tratamiento del paisaje, bajo un enfoque complejo, que aúna su conceptualización desde la Geografía, con la representatividad y expresividad desde la Historia del Arte. Desde esta disciplina podemos tener una panorámica de cómo ha sido el entendimiento y percepción que la sociedad ha tenido de este fenómeno a lo largo del tiempo y cómo se ha relacionado con él. Este aspecto, es de gran relevancia ya que nos permite abordar su tratamiento desde el punto de vista evolutivo a través de la relación que existe entre el ser humano y el paisaje a lo largo de la Historia. El paisaje no es sólo Naturaleza, en este sentido la Historia del Arte nos ofrece una “ventana” para asomarnos a un fenómeno que se materializa y visualiza de manera distinta y variada a partir de las distintas producciones artísticas de sus creadores en diferentes momentos históricos. Por tanto, nos procura un acercamiento social, cultural y perceptivo a

un fenómeno que está conformado por el tándem Ser Humano-Naturaleza. Esta visión está acorde con la que representa la Geografía Cultural (Sauer, 1925; Martínez de Pisón, 1983; 2010; Cosgrove, 2002; Bertrand, 2008; Nogué y San Eugenio 2010, entre otros) y que tiene sentido desarrollar dentro del marco educativo (Morón y Morón, 2012; Morón y Estepa, 2015; Morón, 2016).

El paisaje es una temática que permite abordar problemáticas y contenidos distintos desde el ámbito de la Geografía con un enfoque integrador dentro del marco escolar. Junto a esto permite establecer puentes con otras disciplinas no sólo las sociales (Historia, Arte, Sociología, etc.) sino también del ámbito de las Ciencias Experimentales (Ciencias Naturales, Geología, etc.). Sin embargo, el género del paisajismo es amplio en el tiempo y en el número de producciones, por ello tenemos que acotar nuestro trabajo a un periodo concreto centrado en el Romanticismo, más concretamente en el alemán y bajo la figura de un pintor emblemático como fue Caspar D. Friedrich.

En los próximos apartados haremos un rápido acercamiento a la enseñanza y aprendizaje del paisaje, así como a su conceptualización.

1. ENSEÑAR Y APRENDER PAISAJE DESDE LA GEOGRAFÍA

Condensar en unas pocas líneas el papel del paisaje en la educación geográfica, resulta ser una tarea compleja y posiblemente inexacta. Primeramente, porque la misma naturaleza del fenómeno es diversa y variada, y por ende su conceptualización también lo es. Seguidamente, al ser una temática con gran tradición tanto en la Geografía científica como en la Geografía escolar, ha generado un vasto número de investigaciones, abordajes, y aplicaciones en el campo de la Geografía escolar (Busquets, 2010, García de la Vega, 2011, Morón y Morón, 2012, Morón, 2016). Pese a todo, nosotros queremos realizar una pequeña reflexión del paisaje, bajo una visión poliédrica del fenómeno. Así, desde la dimensión *epistemológica* se tiene en cuenta el carácter cambiante de su naturaleza, pero también entiende, que se desarrolla en un escenario concreto como es el educativo. En ese contexto, el paisaje encuentra grandes oportunidades didácticas, que permiten desarrollar la enseñanza de la Geografía desde un punto de vista sistémico y global en la escuela. Es una forma bastante aproximativa de entender nuestro mundo, gracias a que el paisaje es un nodo de saberes. Esta dimensión, se complementa con otra como es la *metodológica*, el paisaje es un marco de estrategias y directrices didácticas, por medio de los cuales, los saberes escolares se construyen de forma compartida y negociada. En consecuencia, podemos encontrar en el paisaje la posibilidad de la integración curricular, gracias precisamente a esa conectividad de los saberes, de las distintas temáticas y por tanto también con distintas disciplinas científicas que proporciona la naturaleza del fenómeno (Morón, 2016; Morón, 2017). En esta misma línea, el paisaje encuentra un último nivel de concreción, que son los *recursos didácticos*, centrados en la excursión e itinerarios, siendo algunos de los recursos más emblemáticos y con más tradición en la Geografía escolar y también en la académica (Benejam, 2003; Vila, Bovet, y Ribas, 2004; Vilarrasa, 2003; Morón, 2016).

La enseñanza y aprendizaje que proponemos desde la Geografía está sustentada por un lado en la concepción de la construcción de los saberes desde un enfoque constructivista y por otro lado en la concepción de este fenómeno geográfico. Enseñar y aprender paisaje tiene como requisito imprescindible definir cuál es nuestro concepto del término. Este asunto

es vital, máxime cuando es una realidad de alta complejidad y absolutamente dependiente en buena medida de nuestra percepción, la cual está estrechamente vinculada con nuestro contexto cultural y social, y con nuestras vivencias. Por tanto, el paisaje no es sólo una cuestión simplemente de fisionomía territorial, no se trata únicamente de un gran contenedor de variables biofísicas y socioculturales ordenadas a modo de puzzle. Creemos que es un engranaje mucho más complejo que es movido y reconfigurado también por ideas, valores, símbolos e identidades (Morón, 2016).

De este modo, cualquier conceptualización que realicemos siempre tendrá en cierta medida un carácter inexacto, pero sí nos permite contar con un punto de partida para explicar nuestro mundo. Sin embargo, consideramos dos vectores claves que configuran la imagen del paisaje que vivimos y percibimos, de un lado los componentes geocológicos, originados en la Naturaleza, y de otro aquellos elementos de cariz antrópico. Ambos vectores conforman dos dimensiones del paisaje: la aparente el *fenopaisaje*, -lo que vemos-, y la latente, el *criptopaisaje* -lo que no vemos- (González Bernáldez, 1981). Esta última dimensión estaría constituida por aquellos flujos y procesos tanto de carácter biofísico como sociocultural, que animan el paisaje visual.

Está claro que el paisaje toma diferentes configuraciones territoriales a lo largo de la Tierra, las cuales no son estáticas debido no solo a la propia naturaleza del fenómeno, sino también del contexto geohistórico donde nos situemos. En el paisaje, cabe por tanto manejar diferentes escalas, tanto espaciales como temporales, que nos permitan conocer cómo ha sido la relación del Ser Humano y la Naturaleza a lo largo de nuestra historia como especie y como sociedad. Bajo este enfoque hablamos de *paisaje cultural*, término que recoge expresamente este binomio, haciendo especial hincapié en la producción humana, no sólo como cultura material sino también en aquellos aspectos relativos a los modos de pensamiento, ideología, la actividad e inventiva científica-artística etc.

En este sentido, la pintura y el paisajismo nos dan una crónica aproximada de esa relación secular a lo largo del tiempo. Porque el paisaje es sobre todo imagen (Rubio Recio, 1992).

2. EL PAISAJE CULTURAL COMO PUENTE ENTRE LA CIENCIA Y EL ARTE. EL PAISAJE DE LOS ROMÁNTICOS

La recreación y reproducción del paisaje en el Arte, no sólo tiene una función estética, contemplativa o recreativa, no sólo es arte por el arte. El conocimiento de nuestro entorno inmediato y no tan inmediato no siempre se hizo como lo hacemos en la actualidad. Antes de la invención de la fotografía y el cine, el conocimiento de otros espacios, territorios y culturas se hacía mediante la pintura. Gracias a la cual los viajeros, exploradores, científicos, sobre todo a partir del siglo XVIII y especialmente durante el XIX (por ejemplo Von Humboldt, en su obra *Vue des Cordillères et monuments des peuples indigènes de l'Amérique* -"Vista de la Cordillera y monumentos de los pueblos indígenas de América"-de 1810, en donde ejemplifica formaciones geológicas de gran singularidad como el paisaje constituido por prismas basálticos de Santa M^a Regla, México) contaban con las ilustraciones de paisaje, como recurso científico para dar cuenta de sus descubrimientos, permitiendo la difusión y divulgación de los mismos no sólo para las distintas sociedades geográficas y científicas, sino también para el

resto de la sociedad. En este sentido el Arte, y particularmente el paisajismo cubrieron esa función divulgativa y difusora de la Ciencia.

Por otro lado, desde el punto de vista del Arte, el paisaje no siempre tuvo un papel protagonista en la pintura, es en los siglos XVI y XVII cuando el artista comienza a incorporar el paisaje como temática independiente y no sólo como el escenario o el encuadre para representar una escena. Uno de los primeros artistas en darle protagonismo será Paul Bril, posteriormente Domenichino, Annibale Carracci, Claude Lorrain y Nicolás Poussin, también lo incorporan en sus temáticas aunque con una visión idealizada del mismo. Sin embargo, Van Ruysdael y Hobbema componen representaciones más o menos objetivas del mundo que les rodea (Guillén López, 2017). El primero de ellos tiene entre sus temas preferidos la representación de paisajes de dunas cerca de Haarlem y cascadas en entornos montañosos, mientras que en el segundo abundan los paisajes compuestos por bosques, expresando una naturaleza tranquila. En el siglo XVIII las representaciones paisajísticas se vuelven cada vez más sentimentales y evocadoras (Honour, 1981). Esta tendencia hacia los sentimientos se exagera durante el Romanticismo, así los pintores románticos expresan la emoción que causan en el espectador al encontrarse ante la sublimidad y la belleza de la Naturaleza, especialmente mediante las representaciones de bravos caudales torrentosos, descendentes cascadas, de los picos escapados e inaccesibles (Guillén López, 2017).

Esta visión artística del paisaje durante el Romanticismo también encuentra su reflejo en los científicos y viajeros del siglo XIX, como afirma Alexander von Humboldt "Viajar conservando siempre una visión rigurosa y a la vez exaltada del mundo". Esta afirmación explica la filosofía del viaje durante este siglo. Se impone una nueva concepción de la Naturaleza en la que los sentimientos ganan espacio; lo subjetivo, lo estético y lo sentimental cobran peso frente a las descripciones medidas del siglo XVIII. El viaje se transforma en una experiencia personal e íntima, el viajero del XIX reinventa los lugares, los reconstruye a través de sus impresiones y por tanto de su percepción y vivencia (BNE, 2016). Es así que esta reconstrucción de la Naturaleza encuentra una importante vía de expresión en el paisajismo durante en el siglo XIX y más concretamente dentro del Romanticismo.

La categoría que hoy conocemos como paisaje romántico se puede afirmar que queda establecida a finales del siglo XVIII. La configuración de un paisaje no es algo que pueda permanecer estática en el tiempo, sino que cambia con relativa rapidez, se metamorfosea con el cambio de estaciones, con el paso de las horas y los cambios de luz y la atmósfera, creando instantes únicos para ser captados por la mirada del artista (Miguel-Pueyo, 2009, Guillén López, 2017). La pintura del siglo XIX y particularmente la que se desarrolla dentro del movimiento del Romanticismo, está enormemente influida por los movimientos sociales, políticos y filosóficos que partían de los ambientes de la Revolución Francesa. La Naturaleza es una de las temáticas que son más desarrolladas en el paisajismo en el cual la figura humana no está por encima de las fuerzas de la Naturaleza sino más bien hay una contemplación exaltada de la misma. Los paisajes están cargados de emociones y subjetividad, y llenos de fuerza ya que representan en numerosas ocasiones estados puntuales del tiempo o de la atmósfera (tormentas, oleaje en el mar etc.), junto a ello, aparecen representaciones de ruinas de iglesias y abadías que van a acrecentar el sentimiento de cierto desamparo del ser humano, ya que en el ideal romántico lo humano no se encontraba por encima de la Naturaleza.

En general son obras que están cargadas de espiritualidad como es el caso de Caspar D. Friedrich (1774-1840), sin embargo, existe la opinión de otros artistas, como John Constable

(1776-1837), el cual indicaba que la pintura ante todo es una ciencia cuyos frutos, los cuadros, debían ser asimilados como experimentos. Y es que nos nuevos avances científicos, no eran totalmente ajenos a los pintores románticos, ya que veían en ellos señales de los misterios que entrañaba el universo y las promesas de desvelarlos (Honour, 1981).

Nuestro interés en la pintura de paisajes se centra en la obra de Caspar D. Friedrich, perteneciente al Romanticismo alemán. La concepción de la Naturaleza y su relación con el ser humano es realmente particular, así indica Russo (1999), que Friedrich entendía la Naturaleza como manifestación divina y el arte como mediador entre el hombre y Dios. En este sentido, afirmaba Friedrich: “debo entregarme totalmente a lo que me rodea, unirme a mis nubes y a mis rocas, para conseguir ser lo que son. La Naturaleza me sirve para comunicarme con Dios” (Russo, 1999). La Naturaleza que plasma este autor en sus paisajes no sólo refleja el estado de ánimo del artista y su sensibilidad, sino también nos aproxima a otros territorios, geografías, etc., y además al mundo de las ideas y valores de la sociedad en un momento concreto.

Para conocer los significados y contenidos que están en el paisaje debemos realizar una tarea de descodificación la cual vamos a desarrollar gracias a una guía que nos permite conocer a partir los aspectos visibles del paisaje aquellos otros no tan aparentes. Esto supone desarrollar una metodología de trabajo que pasamos presentar en el próximo apartado, proponiendo un ejemplo de su aplicación en una de las obras de este pintor romántico.

3. LA DESCODIFICACIÓN EL PAISAJE CULTURAL: UN EJEMPLO “EL MAR DE HIELO”

Como ya apuntábamos anteriormente, el paisaje no sólo es el vehículo, el medio o el incluso el contenedor a través del cual enseñamos determinados conceptos y valores, sino que también, es una forma de entender la construcción del conocimiento y por tanto un método propio. En este sentido, el paisaje tiene un paralelismo con el lenguaje, esto supone no solamente su comprensión como un conjunto de códigos y signos, al tiempo que un canal de comunicación, sino que además lo entendemos como actividad que construye y produce significados de una determinada manera, a través de un discurso particular, el cual se diseña, se formula, conforme a un contexto particular. Esta idea de discurso y significación del paisaje, a modo de lectura de un territorio, es bien descrita por Martínez de Pisón (2010):

“El paisaje tiene significados, es pues la unidad final terrestre. Y quien sabe leer paisajes recibe ese todo, cada vez que arroja la mirada. El paisaje es por tanto, un método de comprender” (p. 405).

Este espacio está cargado de mensajes, que se pueden descodificar, tanto de valores tangibles como intangibles. Esta lectura del paisaje, por tanto, se vincula con la percepción del mismo, pero a su vez ésta depende del contexto personal, social y cultural. La consecuencia es que los significados son muy diversos, e incluso contradictorios. La lectura de los signos está ligada a su contexto territorial, con lo cual un mismo valor icónico puede cambiar de significado si cambia el escenario territorial (Busquest, 2009). El enfoque semiótico del paisaje, es compartido por varios autores (Fremont, 1974; Nogué, 1985; Busquets, 2009). Este valor simbólico del paisaje, permite conocer rasgos de su pasado, de su presente y de su futuro, en la medida que el paisaje es un fenómeno dinámico.

Para aprender a *mirar paisaje* y por tanto llevar a cabo su descodificación planteamos un método basado en dos niveles de análisis, que parten de la descripción hasta llegar a un

segundo nivel más interpretativo. Este método desarrolla una matriz de análisis con una serie de indicadores y criterios que nos permiten conocer los elementos y componentes del paisaje así como su significación. Es un instrumento genérico que permite su aplicabilidad a los paisajes actuales, que se pueden experimentar y reconocer directamente a través de excursiones e itinerarios, pero también lo podemos aplicar a la comprensión del paisaje en *diferido*, a través de su imagen, sea una fotografía o una pintura.

El *primer nivel de análisis*, es descriptivo basado en la discriminación de los elementos visibles. Dicha descripción no sólo es objetiva, ni debe serlo, es también perceptiva ya que hacemos uso de nuestra percepción y de nuestra forma de ver y entender el mundo, a través de la cual tamizamos la realidad que miramos. Esta fase establece, qué cosas son iguales y cuáles son diferentes, qué cantidad, dónde están, etc. Esto nos permite hacer agrupaciones y categorías, realizando una primera valoración, y en cierta medida comenzamos a explicar de manera somera qué estamos viendo. En definitiva *aprendemos a mirar* (ver tabla 1).

Tabla 1. Instrumento de Análisis del Paisaje Cultural. Fase Descriptiva

I FASE DESCRIPTIVA: <i>Aprender a Mirar. Lo que se ve</i>		
VARIABLE	INDICADOR	DESCRIPTOR
1. EL ESPACIO <i>¿Dónde está?</i>	1.1 Localización	Lugar exacto(Municipio, Localidad, Ubicación exacta, Cerro, Colina, Vereda, Camino)
	1.2 Posición:	El lugar donde nos encontramos en relación a otros elementos geográficos, posición relativa (entre montañas, en valle, entre ríos, llanura aluvial, entre distintas localidades, etc.,) se trata de contextualizar el sitio, da información del porqué de la elección del lugar. En la ciudad, casco antiguo (dentro de zona amurallada medieval), extramuros, áreas de ensanche, zona de suburbios, zonas rururbanas.
	1.3 Orientación: ¿	¿Cómo está orientado?, Solanas y Umbrías. Barlovento, Sotavento.
2. EL TIEMPO <i>¿Cuándo?</i>	2.1 Cronología	Localización temporal exacta, año, periodo, momento etc. ¿Cuándo se creó, construyó, diseño, proyectó etc.? Principales momentos, periodos, eventos, sucesos etc.
	2.2 Ritmos y Velocidad de cambios	Eventos distintos, velocidades diferentes, frecuencia de los sucesos. Cambio y Permanencia. Ocupación continuada del territorio. Dinámica y Evolución
3 RASGOS FISIONÓMICOS <i>¿Cómo es/son?</i> Estado de Conservación y Mantenimiento.	3.1. Formas del Terreno	Aspectos Geomorfológicos: relieves alomados, relieve agreste, plano, relieves residuales, llanuras mareales, llanuras de inundación, relieve costero, etc.
	3.2 Cobertura Vegetal	Grado de Cobertura, estratificación, y color de la vegetación. Formaciones vegetales naturales o antrópicas (parques, jardines, plantaciones, forestales, cultivos agrícolas arbóreos o herbáceos, áreas protegidas etc.). Monte bajo o alto, rodal de árboles, formación continua, bosque aclarado, cultivos: agrícolas o forestales etc.
	3.3 Red Hídrica y cuerpos de agua	Ríos, arroyos, cauces temporales, lagunas, charca, zonas encharcadas (marismas, marjales, manglares, etc.), estanques, embalses, pozos etc.

3.4 Fenómenos meteorológicos. Atmósfera y clima	Observaciones del cielo, estado del tiempo, fenómenos visibles y perceptibles (nubosidad, tipo de nubes, tormentas, color del cielo, calimas, brumas, nieblas, insolación etc.)
3.5 Tipo de Parcelario	Tamaño, forma de las explotaciones agropecuarias (minifundio, latifundio).
3.6 Tipo de Hábitat: Concentrado y Disperso	Distribución espacial y forma de los asentamientos. (Cortijo, masías, alquerías etc.). Formas y materiales de construcción.
3.7 Tipo de Infraestructuras urbanas.	Servicios, residenciales, edificios de una planta. Edificios exentos-pareados, recreo, áreas verdes: mobiliario urbano, glorietas, parques, jardines, plazas, fuentes, estanques etc.
3.8 Tipo de Infraestructuras rurales.	Formas, materiales, textura y color: muros de piedra, cercas de madera, canalizaciones, pozos, refugios de animales, molinos de agua-viento, chozas, hórreos etc.,
3.9 Red de caminos y senderos y trazado urbano	Áreas rurales: veredas, caminos reales, caminos de herradura, restos de trazados de caminos romanos (calzadas) etc. Zonas urbanas: calles y travesías, avenidas, bulevares, trazado de trenes, tranvía, carriles bicicletas - peatones, etc.
3.10 Infraestructuras industriales.	Naves y factorías, chimeneas, material de construcción, ladrillos, metal, hormigón, etc.
3.11 Puentes, Ferrocarriles y Muelles	Formas color, material de construcción
3.12 Infraestructuras Mineras: Malacates, Canalizaciones, etc.	Formas y Color: Socavones y «vacis», tuneles etc.

Fuente: Elaboración propia.

El *segundo nivel de análisis* es más interpretativo y reflexivo, viene a conocer la significación de los componentes y elementos de la fase anterior. Nos preguntamos *¿Qué significa lo que vemos?* Ello implica entender lo que no se ve. Es por tanto claramente interpretativa, basada fundamentalmente en la causalidad, por tanto intenta desentrañar los procesos y flujos que han dado lugar a un paisaje determinado. Esto permite generar una explicación aproximativa a la realidad, una de tantas. Esta fase proporciona el “lanzamiento” de hipótesis de posibles explicaciones plausibles. Supone contar nuestra “propia historia” de lo que ha ocurrido. Así, hablamos de *narración del paisaje*, porque la interpretación de los aspectos y elementos, no sólo tangibles sino también invisibles, nos permite delinear un «hilo argumental», de los actores y agentes que conforman el paisaje (Morón, 2016) (ver tabla 2).

Tabla 2. Instrumento de Análisis del Paisaje Cultural. Fase Interpretativa

II FASE DE ANÁLISIS ¿Qué significa lo que vemos? Interpretación. <i>Lo que no se ve</i>		
VARIABLE	INDICADOR	DESCRIPTOR-SIGNIFICADO
1. EL ESPACIO <i>¿Dónde está?</i>	1.1 Localización	- La localización, posición y orientación indican la importancia relativa la ocupación del territorio y sus asentamientos humanos. Señalan el valor geoestratégico del sitio: defensivo, económico, control del territorio por un grupo, estatus social, identitario etc.
	1.2 Posición:	
	1.3 Orientación:	

2. EL TIEMPO ¿Cuándo?	2.1 Cronología 2.2 Ritmos y Velocidad de cambios	<p>- La sucesión en un paisaje de distintos hitos, elementos o componentes de épocas distintas, permite realizar un análisis temporal, cambio-permanencia y dinámica territorial.</p> <p>- Este componente temporal será distinto para valorar <i>el tiempo histórico</i> y <i>el tiempo geológico</i>, tienen de dinámicas diferentes (natural y cultural).</p> <p>- Velocidad y duración serán distintas dependiendo de la ciencia y tecnología. Su aplicación junto con los modos de producción en distintos momentos históricos, indican la velocidad de cambios, en las sociedades y sus territorios.</p>
3 RASGOS FISIONÓMICOS ¿Cómo es/son? Estado de Conservación y Mantenimiento.	3.1. Formas del Terreno	<p>- La <i>morfología del terreno</i> explica también el aspecto anterior pero también permite conocer las oportunidades del territorio y sus recursos naturales</p>
	3.2 Cobertura Vegetal	<p>-Las <i>formaciones vegetales</i>, su composición, cobertura, color, biodiversidad, explican también la oportunidad del territorio con respecto a los recursos, y su potencialidad para el sostenimiento de las sociedades. Además indican el tipo de sistema de explotación, aspecto que además se infiere con el tipo de parcelario y el tipo de hábitat. Revela cómo es la intensidad de la actividad agropecuaria, forestal etc. Indica, el grado de transformación y manejo, sostenibilidad del recurso y posibles alternativas.</p>
	3.3 Red Hídrica y cuerpos de agua naturales o antrópicos	<p>- Disponibilidad del recurso uso y manejo claves para el funcionamiento de cualquier sociedad, para del suministro básico del consumo humano y para todos los procesos de producción agrícolas industriales etc. y por supuesto la recreación, el ocio y el turismo. Habla de la gestión racional o no que se haga de este y por ende de su uso sostenible.</p>
	3.4 Fenómenos meteorológicos. Atmósfera y clima	<p>- La significación básica que nos señala sería, el momento del día, la estación del año, el conocimiento directo de un estado concreto de la atmósfera (tiempo anticiclónico, borrasca, etc.), grado de insolación y radiación. Disponibilidad o no del recurso hídrico, eventos extraordinarios (sequías, huracanes, etc.). Indicadores de fenómenos meteorológicos se relacionan con las formaciones vegetales. La zonación bioclimática.</p>
	3.5 Tipos de Parcelario	<p>- Estos elementos indican cómo es la ocupación del territorio, lo cual se vincula con los sistemas productivos y modos de producción (capitalista, feudal, colonial, comunitarios, colectivos etc.), con las relaciones sociales (grupos, clases, gremios, etc.), y con la tecnificación de los sistemas agropecuarios.</p>
	3.6 Tipos de Hábitat: Concentrado y Disperso	<p>- La interpretación de elementos culturales como: tipo de infraestructuras, su forma, función, distribución, cambian a lo largo del tiempo, debido a una necesidad económica, y a los cambios tecnológicos-científicos (ruedas de molino, movidas por energía hídrica, eólica, puentes, canalizaciones, acueductos etc.).</p>
	3.6 Tipos de Infraestructuras urbanas.	<p>- Los avances tecnológicos-científicos van de la mano de los cambios ideológicos y de las mentalidades. Supone un cambio de la visión del mundo.</p>
	3.7 Tipos de Infraestructuras rurales.	<p>- Los avances tecnológicos-científicos van de la mano de los cambios ideológicos y de las mentalidades. Supone un cambio de la visión del mundo.</p>
	3.8 Red de caminos y senderos y trazado urbano	<p>- Los avances tecnológicos-científicos van de la mano de los cambios ideológicos y de las mentalidades. Supone un cambio de la visión del mundo.</p>

3.9
**Infraestructuras
 industriales.**
 3.10 **Puentes,
 Ferrocarriles y
 Muelles**
 3.11
**Infraestructuras
 Mineras:
 Malacates,
 Canalizaciones**

- La intervención humana en el paisaje muestra el grado de alteración y manejo, el estado de conservación, la valoración social y el grado de identificación con ese territorio
 - Las tipologías de infraestructuras, no sólo revelan los tipos de actividades económicas, sino también su intensidad y afectación en el territorio, además de darnos pistas del momento histórico. A partir de ellas podemos comprender momentos, periodos, distintos, cuando un evento fue antes o después.

Fuente: Elaboración propia.



Imagen 1. Mar de hielo- El naufragio del Esperanza (1823-1824). Caspar D. Friedrich
Fuente: <http://revistamito.com/la-cruz-en-las-montanas-de-friedrich>.

Por tanto, podemos decir que se quiere contar *el discurso* de un territorio, ya que cada sociedad y cada cultura tiene una forma particular de entender el mundo y sus relaciones con la Naturaleza, y esto deja determinados patrones y vestigios que pueden ser detectados y por tanto susceptibles de ser interpretados. Esta guía de interpretación del paisaje que hemos propuesto como método la hemos aplicado a una de las obras del pintor romántico Caspar D. Friedrich denominada como *“Mar de Hielo- El naufragio del Esperanza”* (ver imagen 1). Los resultados del análisis de este paisaje nos dan las pistas, que nos permiten esbozar una posible explicación de lo que la pintura muestra (ver tabla 3). Como se trata de una obra con una importante carga de subjetividad dentro de la producción artística del Romanticismo, para su mejor comprensión completamos nuestros datos de análisis con los que nos aporta la propia obra del autor y su forma de entender la relación del ser Humano con la Naturaleza. Esta obra pudo ser inspirada en *La balsa de la Medusa* (1818), de Théodore Géricault. El tema de los naufragios tuvo una gran acogida dentro de las temáticas románticas simbolizando la fragilidad humana ante la naturaleza, como también podemos apreciar en la obra de William Turner, *Barco negrero* (1840). (Russo, 1999).

Tabla 3. Interpretación del Paisaje del cuadro *Mar de Hielo*. Caspar D. Friedrich

I FASE DESCRIPTIVA: <i>Aprender a Mirar</i>		Lo que se ve	II FASE ANÁLISIS. <i>¿Qué significa lo que vemos?</i>	Lo que no se ve
VARIABLE	INDICADOR	ELEMENTOS	SIGNIFICADO	INTERPRETACIÓN
1. EL ESPACIO <i>¿Dónde está?</i>	1.1 Localización	Río Elba	Pintura que sitúa la escena en el cauce de un río helado. Latitudes medias.	
	1.2 Posición	Lecho del Río		
	1.3 Orientación			
2. EL TIEMPO <i>¿Cuándo?</i>	2.1 Cronología	1820-1821	Se corresponde con el primer tercio del Siglo XIX. Estación invernal, aparentemente muy fría. El barco que está hundido en sus aguas heladas está casi sumergido y camuflado por los bloques de hielo.	Representa un suceso que realmente, el naufragio del "Esperanza". Friedrich se sirve para pintar los enormes bloques helados de estudios en óleo que había realizado anteriormente, exactamente entre 1820-21, cuando el Elba se congeló a causa de temperaturas inusualmente bajas; este hecho se conoce como la pequeña Edad de Hielo. En 1815 se produce la explosión del volcán Tambora, (Indonesia). La explosión del volcán de gran envergadura generó una importante aportación de cenizas y residuos a la atmósfera, provocando que el año 1816 fuera conocido como el año sin verano.
	2.2 Ritmos y Velocidad de cambios			
3 RASGOS FISIONÓMICOS <i>¿Cómo es/son? Estado de Conservación y Mantenimiento.</i>	3.1. Formas del Terreno	Bloques de hielo sobre el cauce del río. Morfologías fluviales, llanura aluvial helada.	Primer plano bloques de hielos verticales y puntiagudos, en forma de estructura piramidal sobre un fondo plano que se corresponde de una morfología fluvial de un valle.	
	3.2 Cobertura Vegetal	Ausencia de vegetación	Confirma las condiciones no óptimas para el desarrollo de formaciones vegetales	
	3.3 Red Hídrica y cuerpos de agua naturales o antrópicos	Agua en estado sólido	La escena se centra sobre el cauce del río.	
	3.4 Fenómenos meteorológicos. Atmósfera y clima	Cielo azul aparentemente despejado, cierta bruma. Estación Invernal.	La presencia del hielo es la constante o protagonista de la obra, el barco hundido único elemento de humano, prácticamente pasa desapercibido. Posible evento extraordinario. Clima templado frío.	
	3.5 Tipos de Parcelario	No existen	Nos indican ambientes fluviales en cuyas márgenes no hay ocupación o asentamientos humanos.	
	3.6 Tipo de Hábitat: Concentrado y Disperso	No existen		

3.7 Tipos de Infraestructuras urbanas.	No existen	La Naturaleza es la protagonista total de la escena, el papel del ser humano queda minimizado, sino fuera por la existencia del barco este queda a expensas de la fuerza de la Naturaleza.	Provocando importantes precipitaciones en formas de nieve en todo el Norte de Europa. Entre las gigantescas placas heladas encontramos partes del barco accidentado que a simple vista se confunden con el paisaje.
3.8 Tipos de Infraestructuras rurales.	No existen		
3.9 Red de caminos y senderos y trazado urbano	No existen		
3.10 Infraestructuras industriales.	No existen		
3.11 Puentes, Ferrocarriles y Muelles	Embarcación hundida, se camufla entre los bloques de		
3.12 Infraestructuras Mineras Malacates, Canalizaciones	hielo		

Fuente: Elaboración propia.

4. CONCLUSIONES

El análisis del paisaje desde una perspectiva geográfica empleando obras pictóricas, nos abre un conjunto de posibilidades escasamente empleadas dentro de la enseñanza y aprendizaje de los contenidos geográficos. Con este trabajo hemos querido plantear la interpretación de las obras de arte pictóricas de manera sistematizada aprovechando el potencial que la pintura de paisaje tiene en sí misma y que reside en que son imágenes del territorio de momentos históricos y culturales concretos. Son vehículos que acercan gracias a su potencial estético y evocador la Naturaleza al ser humano, no sólo desde el punto más fisionómico, sino también desde el punto de vista perceptual y cultural. Las obras pictóricas que se relacionan con el paisaje no sólo presentan un análisis estilístico de las mismas, sino que, como hemos podido ver en el análisis a través de distintos niveles de estudio, se puede acceder a una descodificación del mensaje que hay en ellas. Esta descodificación, sirve de vínculo, de "link" para trabajar otras temáticas y cuestiones más amplias que están dentro de las Ciencias Sociales, por ejemplo, el espacio geográfico (el clima, el relieve, la vegetación, la topografía, los asentamientos humanos, el urbanismo...), la historia (eventos, fenómenos, contexto histórico, religión), los aspectos ideológicos (nacionalismos, identidad...), entre otras muchas (Guillén López, 2017).

BIBLIOGRAFÍA

- Benejam, P. (2003). Objetivos de las salidas. *Iber. Didáctica de las Ciencias Sociales, Geografía e Historia*, 9(36), 7-12.
- Bertrand, G. (2008). Un paisaje más profundo, de la metodología al método. *Cuadernos Geográficos*, 43 (2008-2), 12-27.
- Biblioteca Nacional de España (BNE). (2018). *Libros de viaje y viajeros de los siglos XVI-XIX*. Recuperado de: http://www.bne.es/es/Micrositios/Guias/Viajes/resources/docs/Guia_Libros_de_de_viaje_y_viajeros_Siglos_XVI-XIX.pdf
- Busquets, J. (2010). La educación en paisaje: una oportunidad para la escuela. *Íber, Didáctica de las Ciencias Sociales, Geografía e Historia*, (65), 7-16.
- Cosgrove, D. (2002). Observando la Naturaleza: el paisaje y el sentido europeo de la vista. *Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles*, (34), 63-89.
- Frémont, A. (1974). Les profondeurs des paysages géographiques. Auteur d'Ecouves, dans le Parc Régional Normandie-Maine. *L'Espace Géographique*, (2), 127-136.
- García de la Vega, A. (2011). El paisaje: un desafío curricular y didáctico. *Didácticas Específicas*, (4), 1-19.
- Guillén López, C. (2017). *Ut Pictura Locis Amoenis*. Caminando por un mar de nubes. [Trabajo de Fin de Máster inédito]. Universidad de Loyola. Sevilla.
- Honour, H. (1981). *El Romanticismo*. Madrid: Alianza.
- Martínez de Pisón, E. (1983). Cultura y Ciencia del Paisaje. *Agricultura y Sociedad* (27), Abril y junio, 9-31.
- Martínez de Pisón, E. (2010). Saber ver el paisaje. *Estudios geográficos*, 71(269), 395-414.
- Miguel-Pueyo, C. (2009). *El color del Romanticismo: en busca de un arte total*. Nueva York: Peter Lang.
- Morón, M. C. y Estepa, J. (2015). El paisaje cultural en la educación secundaria: concepto y contenidos de enseñanza. *Iber: Didáctica de las ciencias sociales, geografía e historia*, (81), 45-50.
- Morón, M.C. (2016). *El paisaje en la Enseñanza Secundaria Obligatoria: Análisis de Libros de Texto y del Currículum Oficial, el abordaje Patrimonial*. [Tesis Doctoral inédita]. Universidad de Huelva.

Morón, M.C. (2017). El Paisaje y su Interpretación: Redescubriendo la Geografía como Ciencia de Utilidad Social. En *XXVIII Simposio Internacional de la Didáctica de las Ciencias Sociales en Córdoba. Retos, problemas y Líneas de Investigación* (pp 490-498). Universidad de Córdoba.

Morón, M.C. y Morón, H. (2012). Paisaje y patrimonio como medio para enseñanza y aprendizaje de la geografía. En M. A. Peinado (Ed.) *I Congreso Internacional El patrimonio cultural y natural como motor de desarrollo: investigación e innovación*. (pp. 1670-1681). Jaén: Universidad Internacional de Andalucía.

Nogué, N. (1985). Geografía humanista y paisaje. *Anales de geografía de la Universidad Complutense* (5), 93-107).

Nogué, J., y De San Eugenio, J. (2009). Pensamiento geográfico versus teoría de la comunicación. Hacia un modelo de análisis comunicativo del paisaje. *Documents d'anàlisi geogràfica*, (55), 27-55.

Rubio Recio, J. M. (Coord.) (1992). *El paisaje entre la Ciencia y el Arte*. Universidad Hispanoamericana Santa M^a de la Rábida y Universidad de Sevilla.

Russo, R. (1999). *Friedrich: la naturaleza y el individuo en el romanticismo alemán*. Madrid: Electa España.

Sauer, C. O. (1925). The morphology of landscape. *University of California Publications in Geography* 2 (2), 19-54.

Vila, R. P., Bovet Pla, I. y Ribas Vilàs, J (2004). El paisaje como recurso educativo en el marco de la educación para la participación. *Didáctica Geográfica*, (6), 33-48.

Vilarrasa, A. (2003). Salir del aula. Reapropiarse del contexto. *Iber. Didáctica de las ciencias sociales, geografía e historia*, 9(36), 13-25.